

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 30/07/2019.

**HELTON MARQUES**

**ECOS PERMANENTES DO PASSADO NO PRESENTE:  
Violência, História e Memória na obra de Graciliano Ramos**

**ASSIS  
2018**

**HELTON MARQUES**

**ECOS PERMANENTES DO PASSADO NO PRESENTE:  
Violência, História e Memória na obra de Graciliano Ramos**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins

Bolsista: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

**ASSIS  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

M357e	<p>Marques, Helton Ecos permanentes do passado no presente: violência, história e memória na obra de Graciliano Ramos / Helton Marques. Assis, 2018. 240 f.</p> <p>Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Dr. Gilberto Figueiredo Martins</p> <p>1. Literatura e história. 2. Memória. 3. Violência na literatura. 4. Literatura brasileira. 5. Ramos, Graciliano, 1892-1953. I. Título.</p> <p>CDD 869.909</p>
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Helton Marques

ECOS PERMANENTES DO PASSADO NO PRESENTE: Violência, História e  
Memória na obra de Graciliano Ramos

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em LETRAS. (Área de Conhecimento: LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 30/01/2018

COMISSÃO EXAMINADORA

  
PRESIDENTE: PROF. DR. Gilberto Figueiredo Martins - UNESP/ASSIS

  
MEMBROS: PROFA. DRA. Sandra Aparecida Ferreira - UNESP/ASSIS

  
PROF. DR. Benedito Antunes - UNESP/ASSIS

PROF. DR. Fabio Cesar Alves - USP/SÃO PAULO

PROF. DR. Ivan Francisco Marques - USP/SÃO PAULO

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a toda minha família, cujo apoio ao longo de minha formação acadêmica tem sido fundamental para a realização de estudos e pesquisas que se apresentam como base para o desenvolvimento desta Tese.

Também dedico este trabalho, de modo especial, ao Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins, meu Orientador desde meu primeiro ano de Graduação em Letras, quando tive o privilégio de receber seus ensinamentos durante as aulas e iniciar, com seu valioso apoio, um percurso de leituras e reflexões sem as quais esta tese não seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos dedicados ao desenvolvimento desta tese, várias pessoas foram importantes, seja pela participação direta ou indireta neste trabalho. Dentre elas encontram-se familiares, amigos e colegas de profissão que contribuíram por meio de orientações, gestos de motivação e palavras de incentivo.

Ao lembrar-me de algumas pessoas com o objetivo de agradecê-las, corro o risco de me esquecer de outras, mas tenho certeza de que vale a pena arriscar e registrar aqui meus sinceros agradecimentos àqueles que tiveram participação especial durante o desenvolvimento desta tese.

Em primeiro lugar, agradeço a todos da minha família: minha mãe, Maria; meu pai, Homero; meu irmão, Homerinho; e minha noiva, Mônica. Muito obrigado pela presença e apoio nos momentos que mais precisei.

Também agradeço, de modo especial, ao Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins, pela confiança depositada em mim e pelas valiosas orientações e ensinamentos durante os últimos anos.

Aos Profs. Drs. Sandra Aparecida Ferreira e Benedito Antunes, docentes da UNESP/Assis, meus sinceros agradecimentos por participarem da Banca do Exame Geral de Qualificação. Obrigado, professores, pela atenção dedicada à tese e pelas sugestões de grande valor para este trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Pós Graduação e da Biblioteca “Acácio José Santa Rosa”, da UNESP/Assis, pelas vezes quando precisei de algumas informações específicas. Obrigado por sempre me atenderem de modo gentil e amigável.

Ao CNPq, enfim, meus sinceros agradecimentos pelo apoio financeiro concedido por meio de bolsa de estudos para o desenvolvimento desta tese de Doutorado.

*“Quando os nossos olhos se abrem para este mundo de miséria e dor, é impossível não reagir, não clamar contra tanto infortúnio. E eles querem que nos calemos, de braços cruzados, ou que façamos arte pela arte...”*

*(Graciliano Ramos)*

*“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”*

*(Guimarães Rosa)*

MARQUES, Helton. **Ecoss permanentes do passado no presente**: violência, história e memória na obra de Graciliano Ramos. 2018. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

## RESUMO

Graciliano Ramos era um escritor extremamente cuidadoso quanto à forma e reescrevia seus livros sem cessar, só os publicando quando estivessem enxutos, livres de quaisquer excessos. Seus textos literários trazem não somente o estilo “seco”, apurado e preciso do autor alagoano, mas também representam exemplarmente o contexto sócio-histórico brasileiro da primeira metade do século XX. De modo geral, a crítica literária aponta a tênue linha fronteira que divide, de certa forma, a obra de Graciliano em narrativas autobiográficas, memorialistas e ficcionais. Certamente essas fronteiras devem ser levadas em consideração quando analisado o conjunto da obra do autor, mas o que também se deve considerar é o traço comum que aproxima todas as narrativas, sejam as ficcionais, as memorialistas e as realmente autobiográficas, como é o caso da temática da violência e suas diversas formas de manifestação presentes na maioria de seus textos literários. É importante destacar ainda que, a partir da reelaboração literária de sua própria experiência, Graciliano, movido pela memória, procurou refletir sobre a relação do indivíduo com o Poder e as agruras da Lei, seja esta paterna ou social, retratando as formas de sociabilidade e os modos de subjetivação próprios de um contexto histórico marcado pela violência e opressão. Tendo isso em vista, esta Tese tem como principal finalidade desenvolver uma análise interpretativa da representação literária da violência na obra de Graciliano Ramos, principalmente nos romances *São Bernardo*, *Angústia* e *Infância*, este último a partir do capítulo-conto intitulado “Um cinturão”, destacando os possíveis vínculos entre conteúdo temático e forma literária, ou seja, analisando em que medida a matéria social e histórica é tematizada e, acima de tudo, formalizada na obra de um dos principais escritores do Modernismo no Brasil. Para tanto, os principais textos da *Fortuna Crítica* do autor, como os de Antonio Candido, João Luiz Lafeté e Álvaro Lins, por exemplo, e estudos de outras áreas do conhecimento, como a História, Sociologia e Psicanálise, servem como base para o desenvolvimento das análises apresentadas ao longo desta tese.

**Palavras-chave:** Literatura e História. Violência. Memória. Representação literária. Romance Brasileiro. Graciliano Ramos.

MARQUES, Helton. **Permanent echoes of the past in the present: violence, history and memory in Graciliano Ramos' work.** 2018. 240 f. Thesis (Doctorate in Languages) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

## ABSTRACT

Graciliano Ramos was an extremely careful writer worried about the literary form who used to rewrite his books incessantly, only publishing them when they were free of any excesses. His literary texts presents not only the "dry", accurate and precise style of the alagoan author, but they also represent exemplarily the Brazilian social and historical context of the first half of the twentieth century. In general, literary criticism points to the tenuous frontier line that divides the Graciliano's work into autobiographical, memoirist, and fictional narratives. Of course, these boundaries must be taken into account when analyzing the author's entire work, but what should also be considered is the common features that brings the fictional, memorialist and autobiographical narratives closer, as it happens in relation to the theme of violence and its various forms of expression represented in most of the author's literary texts. It is important to point out that, based on the literary re-elaboration of his own experience and memories, Graciliano reflects on the relation of the subject to the Power and the hardships of the Law, paternal or social, and he represents the forms of sociability and the manners of subjectivation typical of a historical context marked by violence and oppression. The main purpose of this Thesis is to develop an interpretative analysis of the literary representation of violence in Graciliano Ramos' work, especially in the novels *São Bernardo*, *Angústia* and *Infância*, this last one based on the chapter/tale entitled "Um cinturão". The objective is to analyze the possible links between thematic content and literary form, that is, to analyze how the social and historical element is a formalized theme in the work of one of the main writers of Modernism in Brazil. Therefore, the main texts of the Critic Fortune about the author, such as the studies developed by Antonio Candido, João Luiz Lafetá and Álvaro Lins, and studies of other areas of knowledge, such as History, Sociology and Psychoanalysis, are the basis for the development of the analyzes presented in this thesis.

**Keywords:** Literature and History. Violence. Memory. Literary representation. Brazilian novel. Graciliano Ramos.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I - Graciliano Ramos</b>	
Formação e Trajetória Literária .....	15
<b>CAPÍTULO II - <i>São Bernardo</i> e a (des)construção de um mundo moderno</b>	
Contextualização do romance: de <i>Caetés</i> a <i>São Bernardo</i> .....	37
Da ascensão à decadência: a trajetória do herói e o fracasso inevitável .....	41
Patriarcas enciumados e esposas oprimidas: uma aproximação entre <i>Dom Casmurro</i> e <i>São Bernardo</i> ou “O que os olhos não veem o coração... sente” .....	62
A ética do indivíduo e o <i>ethos</i> do proprietário: o dilema de um enigma .....	69
Em torno de espelhos, lobisomens e corujas: imagens do duplo em <i>São Bernardo</i> .....	80
<i>São Bernardo</i> e o drama das contradições histórico-sociais brasileiras .....	88
A representação do herói problemático na Era do Capitalismo Moderno .....	104
<b>CAPÍTULO III - Solidão, Violência e <i>Angústia</i> no mundo moderno</b>	
Breve apresentação do romance .....	117
Em torno de ratos, cobras e cordas: as origens da violência em Luís da Silva .....	130
Realidade opressiva e futuro ilusório: a raiva de um “cangaceiro emboscado” .....	147
A “cicatriz primordial” e o retorno do re[o]primido .....	157
Luís da Silva e a angustiante experiência da cidade moderna .....	167
O <i>Crime e Castigo</i> de Luís da Silva, o “homem do subsolo” .....	184
<b>CAPÍTULO IV - Memórias de uma <i>Infância</i> infeliz</b>	
Violência, opressão e... “Um cinturão” .....	205
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	220
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	231

## APRESENTAÇÃO

O século da bomba atômica é também, como não poderia deixar de ser, o século dos temas e das narrativas explosivas. É o século em que nos indignamos contra a opressão e endereçamos nosso pensamento no sentido de solucioná-la mesmo que para tanto tenhamos de enfrentar a dor. Que outra literatura esperar da nossa força criativa?

Ronaldo Lima Lins<sup>1</sup>

Esta tese parte do princípio de que a arte da Literatura, assim como as demais manifestações artísticas, está estreitamente vinculada ao seu contexto histórico de produção, revelando, na ficção, as marcas do entorno social e político de uma determinada época. Desse modo, a Literatura representa o ser humano, com suas qualidades e defeitos, e as formas de sociabilidade próprias de um determinado momento da História.

Com isso, a Literatura não deve ser pensada como manifestação artística independente, mas, pelo contrário, como a arte que usa como matéria-prima de suas criações a palavra para representar o homem, com as suas angústias e formas de pensar, agir e (sobre)viver em sociedade.

Assim, a Literatura, de certa forma, sempre tratou de temas vinculados à realidade humana, seja por representar a realidade histórica e empírica de um determinado contexto, seja por representar os desejos e instintos mais primitivos do homem, revelando não somente os sentimentos nobres que podem caracterizá-lo, como o amor, a amizade e o perdão, por exemplo, mas também toda a potencialidade do ser humano para a agressividade, destruição, ódio e violência.

Foi com base nessas premissas que surgiu o interesse em pesquisar como ocorre a representação da violência na obra de Graciliano Ramos, uma vez que essa temática é recorrente em seus textos e reflete uma época de instabilidade marcada por profundas mudanças sociais e históricas. Dessa forma, o diálogo entre a análise literária e outras áreas do conhecimento, como a História, a Psicologia e a Psicanálise, por exemplo, será imprescindível em vários momentos ao longo deste trabalho.

De modo geral, portanto, esta tese tem como principal finalidade verificar em que medida o conteúdo temático presente em alguns textos de Graciliano é

---

<sup>1</sup> LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990, p. 26.

formalizado e internalizado nas malhas do próprio enredo, isto é, como tema e forma literária complementam-se ao longo das narrativas analisadas.

O objetivo, então, não é apresentar um estudo sociológico sobre a temática da violência no Brasil durante a primeira metade do século XX, época em que são escritos e publicados os textos de Graciliano Ramos, mas desenvolver um estudo literário, crítico e analítico sobre o fenômeno da violência, tão caro e discutido hoje em dia, representado temática e formalmente na obra do autor, principalmente nos romances *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), e no capítulo-conto intitulado “Um cinturão”, de *Infância* (1945), levando em consideração, para tanto, os fatos históricos ocorridos no Brasil ao longo da primeira metade do século XX e as experiências pessoais do próprio autor, que ilustram e reforçam a recorrência da temática da violência em seus escritos.

Não se trata, todavia, de realizar um levantamento de manifestações circunstanciais de violência presentes nos textos analisados, mas, pelo contrário, trata-se de, a partir dessa temática, desenvolver algumas considerações sobre como Paulo Honório, Luís da Silva e o adulto anônimo que narram suas histórias, respectivamente, em *São Bernardo*, *Angústia* e *Infância* fazem parte de um mesmo contexto histórico marcado por transformações reveladoras de uma complexa rede de contradições sócio-históricas estruturantes e determinantes de valores e comportamentos.

Segundo o pensador e professor francês Jacques Leenhardt, no prefácio do livro *Violência e Literatura*, de Ronaldo Lima Lins, todo discurso sobre a violência seria necessariamente uma representação dela mesma. Assim, é possível afirmar que na Literatura a distância entre a violência tematizada e o discurso literário seria praticamente anulada já a partir desse ponto, isto é, pela natureza do discurso sobre o fenômeno da violência em consonância com a especificidade de representação própria do discurso literário: “Daí que todo discurso sobre a violência é dela necessariamente uma *representação* e não uma *descrição*, mostrando-se, por essência, da ordem da ficção. É por essa via, enfim, que violência e literatura se acham tão intimamente ligadas.” (LEENHARDT, in LINS, 1990, p. 15, *destaques do autor*).

Em outras palavras, se todo discurso sobre a violência já constitui uma representação desse fenômeno, na Literatura a violência, quando aparece tematizada, é representada por meio de um discurso específico, no caso, o literário,

cuja principal finalidade é representar, por meio da arte da palavra, o que se convencionou chamar de “realidade”, seja esta histórica, social, psíquica etc.

Desse modo, este trabalho almeja analisar os mecanismos próprios do discurso literário mobilizados por Graciliano Ramos em seus textos para a representação temática e formal da violência, a partir das lembranças dos narradores protagonistas (e do próprio autor), que ecoam através dos tempos e constituem aquilo que chamamos de memória, e com base em alguns acontecimentos que marcaram a História do país.

Pensar o fenômeno da violência no Brasil e no mundo a partir da arte literária já foi inclusive sugerido por estudiosos de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, o filósofo Nilo Odalia, no livro *O que é violência*:

Acredito, também, que para se conhecer e poder pensar sobre a violência, os romances são necessários. Neste particular, destaco a obra de Dostoievski. Não é fácil destacar títulos de sua obra, pois quase todos os seus romances tratam do problema da violência, em suas mais diversas manifestações. Por preferência pessoal, destacaria: *Crime e Castigo*, *Recordações da Casa dos Mortos*, *Humilhados e Ofendidos*, *Os Demônios*. O ideal seria ler toda a sua obra. Na literatura brasileira, todo o chamado ciclo nordestino do romance é importantíssimo. Destaco: Graciliano Ramos e José Lins do Rego, José Américo de Almeida. Os primeiros romances de Jorge Amado são importantíssimos: *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Capitães da Areia*. Em princípio, todos os romances que vão até *Gabriela*, *Cravo e Canela*. (ODALIA, 1986, p. 93).

Como esta tese leva em consideração, portanto, os estreitos vínculos entre Literatura e História, tendo inclusive como suporte teórico vários estudos desenvolvidos por renomados historiadores, filósofos e sociólogos para uma melhor compreensão do contexto de escrita e publicação dos textos de Graciliano, no primeiro capítulo apresentamos uma breve biografia do autor, com o objetivo de destacar alguns episódios biográficos (portanto históricos) que serviram como força motriz para a elaboração de alguns de seus escritos.

Ao lado de sua formação e trajetória literária, vemos surgir o anseio por um projeto de modernização de um Brasil marcado por contradições históricas e sociais, que se apresentam como estruturas enraizadas na sociedade brasileira. O papel da memória do autor, portanto, marcada pelo contexto histórico em que viveu, é

destacado como principal fonte de “inspiração” para a escrita de seus textos, e, com isso, a figura histórica do próprio escritor Graciliano Ramos aproxima-se da figura de alguns de seus narradores protagonistas.

Em seguida, no segundo capítulo, o foco da análise volta-se para *São Bernardo*, segundo romance do autor, publicado em 1934. Ao longo desse capítulo, a figura central do romance, ou seja, o narrador protagonista Paulo Honório, destaca-se como principal elemento articulador de toda a narrativa, constituindo-se, portanto, como uma chave de leitura para uma melhor compreensão tanto de *São Bernardo-fazenda* como de *São Bernardo-livro*.

Os episódios de crise de ciúmes de Paulo Honório, sujeito bruto, violento e dominador, lembram muito o comportamento de Bento Santiago, protagonista do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. A aproximação entre os dois personagens, então, é inevitável e por isso recorrente nos estudos da fortuna crítica de Graciliano Ramos, o qual, por extensão, aproxima-se da figura do escritor carioca devido à semelhança de alguns traços estilísticos, como, por exemplo, o humor fino e a ironia corrosiva, embora certamente haja nítidas diferenças com relação ao uso desses recursos por ambos os autores.

No terceiro capítulo, entra em cena o terceiro romance, *Angústia*, publicado em 1936, que apresenta o narrador protagonista Luís da Silva como eixo central da análise. Tendo em vista o título do romance, é imprescindível recorrer aos estudos psicanalíticos para uma melhor compreensão do próprio sentimento de angústia que marca o narrador/protagonista, de modo particular, e a estrutura da narrativa como um todo.

Nesse capítulo, as reflexões em torno de Luís da Silva proporcionaram uma rede intertextual com vários personagens literários, dentre os quais se destacam, pela complexidade e densidade psicológica, Raskólnikov, protagonista de *Crime e Castigo*, e o “homem do subsolo”, narrador personagem de *Diário do subsolo*, ambos romances de Dostoiévski, autor russo de considerável importância para uma melhor compreensão da obra ficcional de Graciliano Ramos.

No quarto capítulo desta tese, desenvolvemos a análise de um capítulo do romance *Infância*, publicado em 1945, que apresenta um narrador adulto anônimo reelaborando, por meio da memória, episódios de sua infância, marcada sobretudo por momentos de violência e opressão praticadas principalmente pelos próprios pais.

O capítulo analisado intitula-se “Um cinturão”, o qual, pela estrutura circular fechada, forte tensão e unidade de efeito, foi considerado um d’Os *cem melhores contos brasileiros do século*, podendo, então, ser lido e analisado como um conto. Todavia, algumas passagens de *Infância* surgem durante a análise com o objetivo de contextualizar melhor o episódio narrado no capítulo-conto e para refletir com mais profundidade sobre a constituição do sujeito adulto narrador de sua própria história/estória.

Por fim, nas Considerações Finais, apresentamos algumas reflexões sobre a obra de Graciliano Ramos como um todo, pois, embora esta tese apresente como foco central de análise os romances *São Bernardo*, *Angústia* e *Infância* (analisado de forma mais restrita a partir do capítulo-conto “Um cinturão”), em vários momentos surgem referências e até mesmo breves análises de outros textos do autor, como *Caetés*, *Vidas Secas*, *Memórias do cárcere* e alguns contos do livro *Insônia*.

O objetivo das Considerações Finais é, portanto, refletir sobre a possível aproximação entre os textos literários de Graciliano por meio dos traços estilísticos recorrentes em sua obra, marcada, a propósito, pela superposição dos planos regional e universal, o que também contribui com a aproximação entre seus textos.

Além disso, observamos o contexto histórico de produção e publicação para melhor compreender não apenas a figura do autor, de modo particular, mas principalmente seu universo ficcional como um todo. Surge, assim, a temática da violência, inserida em um determinado momento da História do Brasil, isto é, a primeira metade do século XX, período em que se encontram os narradores dos textos analisados reelaborando, por meio da memória, episódios do passado que ecoam através dos tempos e ressurgem como conteúdo para o desenvolvimento de suas narrativas.

Desse modo, a proposta de leitura aqui apresentada leva em consideração esses “Ecos permanentes do passado no presente”, elementos estruturadores das narrativas, a fim de analisar, portanto, o modo como se relacionam temática e formalmente nas malhas do texto literário a “Violência, História e Memória na obra de Graciliano Ramos”, um dos principais nomes da literatura brasileira de todos os tempos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim é o estado primitivo do mundo – o céu repovoado.  
Otto Maria Carpeaux<sup>55</sup>

O fim de um período relativamente longo e árduo de pesquisas e leituras na maioria das vezes não deve ser entendido como o momento em que todas as reflexões desenvolvidas serão esgotadas, definidas e resolvidas, mas, pelo contrário: estas “Considerações Finais” servem para destacar que esta tese não teve como pretensão, em momento algum, colocar um ponto final (como pode sugerir o título deste “capítulo”) nas ideias suscitadas em torno do eixo principal de seu desenvolvimento.

Na verdade, este trabalho nasceu do interesse em apresentar uma análise literária da obra de Graciliano Ramos, principalmente dos dois romances e do breve conto que constituíram o corpus de pesquisa, propondo novas formas de leitura do universo ficcional criado pelo autor.

Limitar o escopo de análise era imperativo, e a escolha de *São Bernardo*, *Angústia* e *Infância*, ou mais especificamente do capítulo-conto “Um cinturão”, dentre o conjunto de textos publicados por Graciliano, não foi uma tarefa fácil, pois significava deixar os outros escritos na penumbra, fora do alcance das lentes analíticas deste trabalho. No entanto, em vários momentos da análise, os outros textos surgiam tais quais os “Ramos” de uma árvore que crescia, como os já esperados desdobramentos de um mesmo eixo de pesquisa.

A partir das hipóteses de leitura apresentadas ao longo deste trabalho, portanto, verificamos que Graciliano Ramos realmente parte de suas experiências pessoais a fim de representar o ser humano e suas angústias, frustrações, desejos e dramas pessoais, alcançando uma dimensão universal sempre a partir do local, isto é, da dimensão regional, como destaca Álvaro Lins em *Sete escritores do Nordeste*:

E daí a superposição de planos na obra do Sr. Graciliano Ramos: o plano regional que se revela nos seus personagens marcados pelo meio físico e social, na forma dos diálogos, todos muito fiéis à língua falada, nos ambientes onde se

---

<sup>55</sup> CARPEAUX, Otto Maria. Posfácio. Visão de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1982, p. 247.

desenvolvem as figuras e os enredos dos seus livros; o plano universal que se alarga nos dramas dos seus romances, nos sentimentos complexos dos seus personagens, na linguagem muito rigorosa e pura – pode-se dizer: clássica – do romancista. (LINS, 2015, p. 75).

O homem que alimenta o sonho de conquistar seu próprio “lugar ao sol”, nem que para isso decida que a melhor maneira seja mobilizando meios que contrariam certo código de ética e passando por cima de tudo e todos para concretizar um ideal de vida, como ocorre com Paulo Honório, em *São Bernardo*; ou o homem que se sente oprimido pelo meio urbano moderno e caótico em que vive e pelas pessoas que o cercam, chegando à situação extrema de cometer um assassinato, como é o caso de Luís da Silva, em *Angústia*; enfim, as experiências humanas representadas na obra de Graciliano Ramos envolvem a problemática da violência na vida dos personagens e na sociedade em que se encontram, muitas vezes desde a *Infância*.

No caso dos dois romances e do conto analisados, o que os aproxima, além das várias imagens já destacadas, é principalmente a representação das várias formas de manifestação da violência. Além disso, trata-se de textos narrados em primeira pessoa, o que torna as narrativas parciais e limitadas ao ponto de vista único de seus narradores. Assim, estes exercem o domínio das histórias que narram a partir de suas memórias, apresentando apenas as diferenças próprias do *locus* enunciativo em que cada narrador se encontra.

Paulo Honório, por exemplo, é o narrador-proprietário da fazenda São Bernardo e do livro homônimo que escreve após o suicídio de Madalena. A presença do proprietário que se torna o autor ficcional/narrador de sua própria história de vida revela uma característica formal que complementa um dado de fundo problematizado no romance: a permanente prática de dominação exercida por aqueles que pertencem à classe dominante.

No entanto, de maneira diversa do que ocorre em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, por exemplo, ambos romances narrados por sujeitos pertencentes à classe dominante, o narrador de *São Bernardo* torna-se proprietário da fazenda em que trabalhou na juventude a partir de seu próprio “esforço”, não sendo sua propriedade, portanto, proveniente de uma herança de família.

A lógica inicial da narrativa de Paulo Honório representa outro esforço que gira em torno de um princípio capitalista, o qual é mediado pela transformação de sua narrativa em mercadoria e dinheiro:

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. (...). Estive uma semana bastante animado, em conferências com os principais colaboradores, e já via os volumes expostos, um milho vendido graças aos elogios que, agora com a morte do Costa Brito, eu meteria na esfomeada Gazeta, mediante lambujem. (RAMOS, 2010b, p. 5).

Inicialmente, a lógica que move Paulo Honório a escrever seu livro, portanto, é a lógica burguesa de produzir mercadoria para gerar capital a partir da divisão do trabalho, que constitui uma das características do trabalho alienado. Movido por valores moldados por essa *práxis* capitalista dominante, Paulo Honório procura incluir a arte literária nesse processo de produção de mercadoria e geração de lucro, o que representa a “(...) prática social de um mundo cujo eixo estruturante é a moderna divisão do trabalho, [onde] a arte literária não escapa às determinações dessas áreas.” (BRUNACCI, 2008, p. 49).

No entanto, o narrador não aceita opiniões divergentes das suas em relação ao projeto de seu livro, o que o faz desistir de seu empreendimento: “Abandonei a empresa, mas um dia destes ouvi novo pio de coruja – e iniciei a composição de repente, valendo-me dos próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta.” (*Idem*, p. 7).

A narração em primeira pessoa já foi vista como um defeito de *São Bernardo* por alguns estudiosos e críticos literários, devido à possível inverossimilhança provocada pela posição de Paulo Honório como narrador, pois se trata de um personagem agreste, que não teve educação formal e que, portanto, não teria condições de se colocar como narrador de um romance com a qualidade literária de *São Bernardo*.

Álvaro Lins chega a afirmar inclusive que esta suposta inverossimilhança no romance de Graciliano “(...) é excessiva e inaceitável. Uma novela de tanta densidade psicológica, elaborada com tantos requintes de arte literária, não suporta o artifício de ser apresentada como escrita por um personagem primário, rústico, grosseiro, ordinário, da espécie de Paulo Honório.” (LINS, 2015, p. 90).

Por outro lado, a presença de Paulo Honório como narrador de sua própria história e, portanto, autor ficcional do livro contribui com a representação formal, estrutural, daquele forte “sentimento de propriedade” de que trata Antônio Candido. Dessa forma, a representação do perfil dominador do protagonista prevalece como principal motivo para a escolha da posição de Paulo Honório como narrador de sua história.

Além disso, a narração em primeira pessoa, no caso de *São Bernardo*, viabiliza a exteriorização de sentimentos, opiniões e intenções do próprio sujeito que narra, o que torna possível uma sondagem psicológica do mundo subterrâneo do “herói fracassado”, conceito muito explorado por Luís Bueno no célebre estudo sobre *Uma História do Romance de 30*.

Para o estudioso, o romance de 30 muitas vezes priorizou a narrativa em primeira pessoa, produzindo dois efeitos:

(...) primeiro, o de conferir veracidade maior ao documento, já que assim ele aparece construído como depoimento de quem viveu aquele fracasso; segundo, o de sublinhar o caráter definitivo das derrotas narradas, já que para ninguém o impasse pode ser tão profundo, ou mais sem saída a situação, do que para aquele a quem não é dada uma perspectiva mais ampla ou distanciada do problema. (BUENO, 2006, p. 78).

A partir desta perspectiva, *São Bernardo* só poderia ser narrado pelo próprio “herói fracassado”, Paulo Honório, também compreendido neste trabalho como um “herói problemático”<sup>56</sup>, conceito desenvolvido pelo filósofo húngaro Georg Lukács, segundo o qual o romance seria uma espécie de “epopeia do mundo burguês” (LUKÁCS, 2000), que se caracteriza principalmente pela representação de uma subjetividade complexa e pela ruptura entre o herói e o mundo ao seu redor.

Portanto, se por um lado a posição de Paulo Honório como narrador de *São Bernardo* configura um “defeito” formal do romance, por outro lado essa escolha se

---

<sup>56</sup> No livro *Para amar Graciliano*: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra, Ivan Marques considera Luís da Silva e Fabiano como exemplos de heróis problemáticos, pois ambos se caracterizam sobretudo pelo ressentimento e frustração. De acordo com o autor, “A exemplo de Luís da Silva, Fabiano é um herói problemático, que se devora por dentro, roendo mágoas e humilhações. (...) Se *Angústia* é o romance do ressentimento, narrado em clima de febre, em *Vidas Secas* reencontramos, de modo mais contido, o tema da frustração que se contempla a si mesma: tudo consiste em remoer mágoas e ofensas, em insistir o tempo inteiro em ‘tornar a sentir’.” (MARQUES, 2017, p. 115). Com isso, Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano se aproximam por constituírem, cada qual a seu modo, exemplos de heróis problemáticos na obra de Graciliano Ramos.

mostra como a mais adequada para a representação estrutural de um aspecto de fundo narrativo, além de constituir uma tendência estilística do próprio autor, cujos romances são, em sua maioria, narrados em primeira pessoa.

Além disso, é importante levar em consideração que *São Bernardo* está inserido no contexto histórico-literário da década de 1930, quando, de acordo com João Luiz Lafetá, o Modernismo brasileiro alcançou “(...) sua fase áurea de maturidade e equilíbrio, superando os modismos e os cacoetes dos anos vinte, abandonando o que era pura contingência ou necessidade do período de combate estético.” (LAFETÁ, 1974, p. 20).

Segundo o crítico literário, durante a segunda fase modernista, ocorre a ênfase no que identificou como “projeto ideológico”, ligado diretamente à discussão sobre o papel da arte, de modo geral, da literatura, de maneira específica, e do escritor no Brasil.

Com isso, o decênio de 30 voltou-se mais para o plano do conteúdo, superando, por assim dizer, o chamado “projeto estético” da primeira fase modernista, iniciada em 1922 com a Semana de Arte Moderna, o qual se preocupou mais com o plano da forma, a partir da renovação da linguagem por meio da ruptura com a tradição literária. No entanto, segundo Lafetá, “(...) na verdade o projeto estético, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com uma nova linguagem, já contém em si o seu projeto ideológico.” (*Idem*, p. 11).

Estas reflexões em torno do contexto histórico-literário com base nas considerações de Lafetá podem contribuir para ampliar a compreensão sobre o romance *São Bernardo*, a partir da figura do narrador Paulo Honório, que, antes de começar a narrar a história de sua vida de ascensão e declínio, relata uma discussão com Gondim acerca de como um texto literário deveria ser escrito:

Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguiei:

– Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacós da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

– Não pode? Perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

– Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo ninguém me lia. (RAMOS, 2010b, p. 6-7).

As reflexões sobre o papel do escritor no Brasil e a busca por uma expressão artística nacional são preocupações imantadas ao *projeto ideológico* da década de 30. Como revela a passagem, o que Paulo Honório propõe é narrar sua história de vida com liberdade de expressão, do modo como fala, enquanto Gondim opõe-se a essa ideia, já que segue uma concepção de literatura marcada por princípios tradicionais, clássicos, pois defende a ideia de que a escrita literária deveria distanciar-se do modo como se fala.

Da mesma forma, João Nogueira, em princípio encarregado pela pontuação, ortografia e sintaxe, “(...) queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem.” (*Idem*, p. 5). Por fim, Paulo Honório declara:

Ocupado com esses empreendimentos, não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices do Gondim. As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde. Não pretendo bancar escritor. É tarde para mudar de profissão. (*Idem*, p. 8).

Por fim, Paulo Honório abandona a ideia de escrever seu livro a partir da “divisão do trabalho” e decide construir sua narrativa sozinho, da maneira como acha que deve ser, sem preocupação com a linguagem que emprega. Dessa forma, o romance *São Bernardo* apresenta um narrador que decompõe uma noção de literatura, contrariando os princípios tradicionais de linguagem e composição literária propostos por Gondim.

Essa decomposição do que era feito como literatura relaciona-se com a violência da própria linguagem, ou seja, a forma literária empregada pelo narrador, e isso se revela, então, não apenas com a recorrência de xingamentos e ofensas proferidos por Paulo Honório, mas também por meio da ruptura com padrões literários tradicionais. Como ensina Lafetá,

O estudo da história literária coloca-nos sempre diante de dois problemas fundamentais, quando se trata de desvendar o alcance e os exatos limites circunscritos por qualquer movimento de renovação estética: primeiro, é preciso verificar em que medida os meios tradicionais de expressão são afetados pelo poder transformador da nova linguagem proposta, isto é, até que ponto essa linguagem é realmente nova; em seguida, e como necessária complementação, é preciso determinar quais as relações que o movimento mantém com os outros aspectos da vida cultural, de que maneira a renovação dos meios expressivos se insere no contexto mais amplo de sua época. (LAFETÁ, 1974, p. 11).

No plano ficcional, *São Bernardo* é construído sem preocupação alguma de Paulo Honório com a renovação da linguagem, pois não possui experiência literária e, como ele afirma, não pretende “bancar escritor”. Contudo, tendo como base o contexto histórico-literário, o romance problematiza a noção do que é, de fato, literatura e qual seria a então condição do escritor no Brasil.

Essa problemática é representada formalmente pela escolha de um narrador/autor ficcional primitivo, rude, violento, que aprendeu a ler e escrever na cadeia. Com isso, Graciliano problematiza ainda mais essas questões, pois coloca como detentor do poder da palavra escrita um sujeito que se encontra à margem de questões artístico-literárias.

O narrador não conhece as regras da arte, não domina as normas da linguagem padrão, mas escrever torna-se imperativo. Então, assim como faz com *São Bernardo-fazenda*, Paulo Honório também “moderniza” com *São Bernardo-livro*, pois escreve livre de princípios estéticos e pressupostos literários tradicionais.

Como o livro-empreendimento torna-se inviável por meio da divisão racional do trabalho, o que impulsiona sua escrita é, como já destacado na análise, um elemento sobrenatural: o piar ecoante de uma coruja supostamente morta por Marciano num passado remoto. A ave, que tem conotação negativa ao longo do texto, também possui um aspecto positivo, relacionado à possibilidade da busca pelo conhecimento.

A narrativa de Paulo Honório representa essa busca, pois, por meio da escrita, o narrador organiza suas memórias e começa a se (re)conhecer de maneira mais profunda. Apesar de afirmar que seu livro “(...) vai arranjado sem nenhuma ordem, como se vê.” (RAMOS, 2010b, p. 7), *São Bernardo* segue uma ordem cronológica

organizada em torno da vida do protagonista, desde sua infância até a vida adulta, e, além disso, a narrativa é dividida em 36 capítulos, o que revela uma organização estrutural sequenciada empreendida pelo narrador.

É importante destacar também que o desejo de Paulo Honório em modernizar sua fazenda representa o desejo de uma parte da população brasileira em incorporar o clima modernizador que pairava no país na primeira metade do século XX. Contudo, esse desejo de tornar o país moderno proporcionou um processo de “modernização conservadora” (PRADO JR., 1963), conceito muito explorado por Caio Prado Jr., em *Formação do Brasil Contemporâneo*.

A historiadora Ana Amélia M. C. Melo, a propósito, no artigo “A crítica social e a escrita em *Vidas Secas*”, apresenta algumas reflexões sobre o aspecto ambíguo e contraditório que marcou o processo de modernização no Brasil nos primeiros anos do século XX. Para a historiadora,

O processo de industrialização, feito a partir das bases agroexportadoras, não fora capaz, precisamente por suas ligações com as velhas estruturas da economia e da política, de criar uma burguesia independente. O impasse de um país que se modernizava parcialmente e que mantinha fortes vínculos com o tradicionalismo, que marcara sua história, é, nos decênios de 1930 e 1940, o foco principal das discussões. (MELO, 2005, p. 379).

Paulo Honório, como já demonstrado, moderniza sua propriedade, porém *conservando* princípios tradicionais típicos de uma sociedade patriarcal e paternalista. O processo de modernização que empreende na fazenda é, portanto, apenas superficial e aparente, sem proporcionar mudanças estruturais. Trata-se, como afirma a historiadora Ana Amélia Melo, de uma crítica a um projeto de “(...) Brasil moderno [que] não passaria de uma imitação mal-arranjada dos países europeus.” (*Idem*, p. 391).

O romance, a partir desse ponto de vista, pode ser compreendido como um microcosmo que representa a situação de atraso do país como um todo. Luís Bueno, a propósito, em *Uma História do romance de 30*, afirma que,

No caso do romance de 30, a formação da consciência de que o país é atrasado canalizou todas as forças. (...). O herói, ao invés de promover ações para transformar essa realidade

negativa, servia para incorporar algum aspecto do atraso. Em *O Amanuense Belmiro* ou em *Angústia*, é o intelectual que faz esse papel; em *Os Corumbas* é o operário; em *Vidas Secas*, o camponês; em *Mundos Mortos*, a burguesia; em *Mãos Vazias* ou em *Amanhecer*, a mulher.” (BUENO, 2006, p. 78).

A esta lista poderiam ser acrescentados outros romances, como, por exemplo, os romances do chamado Ciclo da Cana-de-Açúcar, de José Lins do Rego, mas de modo especial *Banguê* e *Fogo Morto*, nos quais esse papel cabe à figura do senhor de engenho decadente. No caso de *Angústia*, como observa Bueno, é o intelectual que se encontra impossibilitado de agir para transformar a realidade negativa ao seu redor e, assim, incorpora a noção de atraso que marca o país.

Ivan Marques, em *Para amar Graciliano*, também contribui para um melhor entendimento acerca da representação do intelectual no contexto de 1930, concluindo que, “Personagem central não só da obra de Graciliano, mas de toda a literatura da década de 1930, o intelectual nesse contexto de transição viveu impasses de ordem existencial e política, além de dificuldades cotidianas que envolviam a própria sobrevivência.”<sup>57</sup> (MARQUES, 2017, p. 101). Ademais, de acordo com o autor,

Numa época cheia de esperanças, em que o país projetava grandes transformações, os intelectuais foram representados na literatura como homens fracassados. O fenômeno parecia contraditório e foi lamentado por Mário de Andrade, que acompanhava com interesse a produção da década de 1930, no artigo “A elegia de abril”, publicado em 1941, na revista *Clima*. Segundo o líder modernista, muitos escritores haviam se decidido a “cantar” o tipo do fracassado e convertê-lo em “herói novo”. A amostra emblemática desse “fracassado nacional” seria o Carlos de Melo, de José Lins do Rego (narrador-protagonista dos primeiros livros do Ciclo da Cana-de-Açúcar), que o crítico considera “o mais emocionantemente fraco”. A lista é numerosa, incluindo também, é claro, o “triste personagem de *Angústia*”. (*Idem*, p. 101-102).

É importante lembrar que, embora Luís da Silva desenvolva uma ação – cometer o assassinato de seu principal oponente, Julião Tavares – esse ato não lhe

---

<sup>57</sup> Basta lembrar das sérias dificuldades financeiras pelas quais passou Graciliano, por exemplo, que, mesmo com câncer no pulmão, é pressionado a pagar o aluguel para não ser despejado. No entanto, sem recurso algum, o escritor recebe ajuda de amigos do PCB (Partido Comunista Brasileiro), que se mobilizam para pagar a dívida em atraso.

proporciona uma transformação de sua realidade negativa, mas, pelo contrário, agrava sua condição de “pobre-diabo” e o coloca no centro de um complexo processo de desequilíbrio emocional que procura amenizar com a organização de suas memórias por meio da escrita de seu livro.

A narrativa aparentemente desorganizada, sufocada pelo excesso e pelas repetições, vale lembrar, representa formalmente a obsessão do próprio narrador Luís da Silva. No entanto, como já demonstrado, o romance possui um eixo principal em torno do qual surgem as reminiscências de um passado remoto, com imagens da infância do protagonista, e de um passado recente, marcado pela frustração e desilusão amorosa, tudo envolvido por uma atmosfera de alucinação e devaneio que formaliza a própria sensação de angústia vivenciada por Luís da Silva.

A ausência de divisão de capítulos também constitui uma característica formal que representa o próprio fluxo de consciência do narrador. Há apenas intervalos em branco entre as partes para que a narrativa, o narrador e o leitor “respirem”, por assim dizer, antes do retorno ao mundo subterrâneo do “herói fracassado”.

Este é um outro ponto que aproxima Luís da Silva da triste figura de Paulo Honório. Ambos narram suas histórias de fracasso, sentimento representado, então, por um olhar de dentro, isto é, pelo próprio sujeito fracassado. Tanto *São Bernardo* como *Angústia* representam a inserção do sujeito periférico no mundo capitalista, o que é sempre um processo complicado e problemático, dada a complexidade das contradições da própria estrutura da organização social brasileira.

A narrativa de Luís da Silva carrega, portanto, os traços estilísticos de um sujeito socialmente marginalizado, aspirante a grande escritor, que confessa seu ato de extrema violência e revela o ódio que sente pela classe burguesa, representada por seu principal oponente.

No ensaio “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira”, do livro *Linguagens da violência*, o professor Karl Erik Schøllhammer afirma:

O mais importante a respeito da literatura que tematiza a violência é que ela se articula na fronteira da sua capacidade expressiva e a transgressão deste limite é idêntica à capacidade de ressimbolizar aquilo que foi excluído pela lei do discurso, iniciando uma comunicação poética entre o real e o ficcional, entre o verdadeiro e o falso, entre o representado e o imaginado, entre o universal e o particular e entre o público e o privado.” (SCHØLLHAMMER, 2000, p. 250).

Essa ressimbolização da violência por meio da arte literária aparece tanto em *São Bernardo* como em *Angústia* e no conto “Um cinturão” por meio de narradores autodiegéticos que, a partir de suas memórias, reelaboram episódios de um passado que ecoa no presente da enunciação, contribuindo, assim, com a reencenação e ressignificação da própria violência, pois, como afirma Schollhammer, “Comunicar a violência é uma maneira não de divulgar a violência, mas de ressimbolizá-la.” (*Idem*, p. 252).

Durante esse processo de ressimbolização, as narrativas apresentam não apenas as memórias de um passado marcado por violência, opressão e humilhação envolvendo os protagonistas e outros personagens, mas também elementos reveladores do contexto histórico-social em que (sobre)vivem.

Portanto, analisar a relação entre conteúdo temático e forma literária na obra de Graciliano Ramos, isto é, estudar como essa relação de complementaridade aparece especialmente em *São Bernardo*, *Angústia* e *Infância*, ou mais especificamente em seu capítulo-conto “Um cinturão”, apresentou-se como uma tarefa instigante, porém desafiadora, pois exigia a necessidade de desenvolver diálogos com outras áreas do conhecimento, como a História, a Psicologia e a Psicanálise, por exemplo, a fim de aprofundar as reflexões sobre a relação entre Violência, História e Memória na obra literária de um dos principais escritores brasileiros: Graciliano Ramos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Yamandú. La constitución del sujeto em la filosofia lationoamericana. In: *Revista Dialéctica*, Nueva Época, número 42, 2010.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste- 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Editora Landmark, 2005.

ALVES, Fabio Cesar. *Armas de papel: Graciliano Ramos, as Memórias do cárcere e o Partido Comunista Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução Dora Flaksman; Pref. Maisons-Laffitte. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1981.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BASTOS, Hermenegildo. Posfácio. Inferno, alpercata: trabalho e liberdade em *Vidas secas*. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 129-138.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Tradução de Gilson Maurity. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

\_\_\_\_\_. *Textos escolhidos*. Tradução de José Lino de Grünwald, et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERGAMINI Jr., Atilio. Aspectos do romance *São Bernardo*. In: *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, vol. 04, n. 02, jul./dez. 2008.

BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: \_\_\_\_\_. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação*: ensaios de psicanálise existencial. Tradução de Bárbara Spanoudis. São Paulo: Duas cidades, 1981.

BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A Literatura no Brasil: era modernista*. São Paulo: Global, 1997.

BROCA, Brito. Vidas secas: Uma palestra com Graciliano Ramos – O sertanejo da zona árida – O homem no seu habitat. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). *Conversas – Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 66-72.

BRUNACCI, Maria Izabel. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BUENO, Luís. Posfácio. Uma grande estreia. In: RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Uma História do romance de 30*. São Paulo: EDUSP e Unicamp, 2006.

CAMÕES, Luís de. *Lírica*. São Paulo: Cultrix, 1976.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ficção e Confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992a.

\_\_\_\_\_. *Tese e Antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. Um romancista da decadência. In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 1992b.

CARPEAUX, Otto Maria. Posfácio. Visão de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1982.

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo – Uma interpretação de Angústia*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1983.

CASTRO, Andrea Trench de. *São Bernardo e a experiência trágica do homem moderno sob o espectro da alienação*. In: JUNIOR, Benjamin Abdala. *Graciliano Ramos: muros sociais e aberturas artísticas*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CONDÉ, José. Graciliano Ramos. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). *Conversas – Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 81-87.

CORREA, Mariza. *Os crimes da paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. In: \_\_\_\_\_. *Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DÓRIA, Carlos Alberto. Graciliano e o paradigma do papagaio. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, v. 35, p. 19-34, 1993.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Tradução de Ivan Petrovich e Irina Wisnik Ribeiro. São Paulo: Martin Claret, 2014.

\_\_\_\_\_. *Diário do subsolo*. Tradução de Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2012.

ENGELS, Friedrich. *O papel da violência na História*. Tradução de Eduardo Chitas. [S.l. : s.n], 1924.

FACIOLI, Valentim. Um homem bruto da terra (Biografia intelectual). In: GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 23-106. (Coleção Escritores Brasileiro - Antologia e estudos).

FACÓ, Ruy. Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). *Conversas – Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 157-163.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 1998.

FARIA, Octávio de. Prefácio. Graciliano Ramos e o sentido do humano. In: RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Martins, 1970.

FERACINE, Luiz. *Karl Marx ou A sociologia do Marxismo*. (Coleção Pensamento e Vida, v. 8). São Paulo: Editora Escala, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Ermelinda. Violência, voyeurismo e literatura. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FILHO, Adonias. Posfácio. Volta a Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Insônia*. São Paulo: Record, 1986.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2011.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas* (v.17). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros - Antologia e estudos).

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Tradu o de Ivonne F. Montoanelli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

GERON, Luiz Roberto de Oliveira. *Megalomania: um eu às voltas com ele mesmo*. 2010, 83 f. Disserta o (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

GIRARD, Ren . *A violência e o Sagrado*. Tradu o de Martha Concei o Gambini. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

GOTLIB, N dia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo:  tica, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Tradu o de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros*. Tradu o de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

IGNATTI, Angela Sivalli. O duplo n' "O espelho", de Machado de Assis: observa es sobre a dualidade da alma humana. In: LOPONDO, Lílian; ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz (Org.). *Leituras do duplo*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

KRISTEVA, Júlia. *Introdu o   Semanálise*. Tradu o de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Debates, 1969.

LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro III: As psicoses*. Tradu o de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LAFET . João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

\_\_\_\_\_. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). *Conversas – Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LEENHARDT, Jacques. Prefácio. O que se pode dizer da violência? In: LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.

LINS, Álvaro. *Sete escritores do Nordeste*. Recife: Cepe Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. Valores e misérias das *Vidas Secas*. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Martins, 1974.

LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 1990.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande epopeia*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MALARD, Leticia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

MARQUES, Gracielle. *Geografias do drama humano: leituras do espaço em São Bernardo, de Graciliano Ramos, e Pedro Páramo, de Juan Rulfo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARQUES, Helton. *A infância no contexto da família patriarcal brasileira e sua representação em Menino de engenho, de José Lins do Rego*. 2012, 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

MARQUES, Ivan. *Para amar Graciliano: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra*. Barueri: Faro Editorial, 2017.

MARTINS, Ana Cláudia Aymoré. A angústia de viver na cidade. In: *Revista Bakhtiniana*. São Paulo, n. 10 (1), p. 156-175, 2015.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira, Leandro Konder. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. A crítica social e a escrita em *Vidas Secas*. In: *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 2, p. 369-398, 2005.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra - Ensaios de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas cidades, 1995.

MIOTTO, Antonio. *A psicanálise*. Tradução de Vasco de Sousa. Lisboa: Arcádia, 1967.

MIRANDA, Wander Melo. A angústia do crime. In: JEHA, Julio; JUÁREZ, Laura; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Crime e transgressão na literatura e nas artes*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MORAES, Dênis de. *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

MORICONI, Ítalo (Org.). *Os Cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

O'CONNEL, Mark; AIREY, Raje. *Enciclopédia Completa de Signos e Símbolos*. Tradução de Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2010.

ODALIA, Nilo. *O que é violência*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OLIVEIRA, Ana Paula de. Expressionismo como modo de vida e moda. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, Larissa Cristina Arruda de. Um estudo sobre o ciúme em *Dom Casmurro* e *São Bernardo*. In: *Revista Entrelinhas*. São Leopoldo, vol. 7, n. 2, p. 300-310, jul./dez., 2013.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

PACHECO, Ana Paula. A subjetividade do lobisomem (*São Bernardo*). In: OLIVEIRA, Irenísia Torres; SIMON, Iumna Maria (Orgs.). *Modernidade e tradição na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010.

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1972.

POE, Edgar Allan. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999.

PÓLVORA, Hélio. Retorno a Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sonia (Org.). *Graciliano Ramos* (Coleção Fortuna Crítica – v.2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 123-133.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1963.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade*. São Paulo: Quíron, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1982.

\_\_\_\_\_. Carta “A Heloísa de Medeiros Ramos”. In: GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. (Coleção Escritores Brasileiro - Antologia e estudos). São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1994a.

\_\_\_\_\_. *Caetés*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Infância*. São Paulo: Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *Insônia*. São Paulo: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. *Linhas Tortas*. São Paulo: Record, 1994b.

\_\_\_\_\_. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Viagem*. São Paulo: Record, 1994c.

\_\_\_\_\_. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Record, 1994d.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano*: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992.

\_\_\_\_\_. Lembrança de Graciliano. In: GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. (Coleção Escritores Brasileiro - Antologia e estudos). São Paulo: Ática, 1987, p. 11-21.

RANK, Otto. *O Duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1939.

REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Brasil Editora S.A., 1958.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SENNA, Homero. Revisão do Modernismo. In: BRAYNER, Sonia (Org.). *Graciliano Ramos* (Coleção Fortuna Crítica – v.2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 46-59.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Joel. Conversas com Graciliano Ramos. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). *Conversas – Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 73-80.

TEIXEIRA, Ivan. Construção da intimidade em *Angústia* (Ensaio). In: *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 196-209, 2004.

TIBURI, Márcia. Ofélia morta – do discurso à imagem. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 301-318, 2010.

VIEIRA, Raquel L. Botelho Casillo. Os marcadores culturais em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. In: *Belas Infiéis*, v. 2, n. 1, p. 131-147, 2013.

#### **SITE CONSULTADO**

<http://www.graciliano.com.br>. (Acesso em 25 fev. 2015).